

**ECOTEOLOGIA E SOCIEDADE DE CONSUMO: UM DIÁLOGO DA  
TEOLOGIA COM A SOCIEDADE HIPERMODERNA<sup>1</sup>**

*ECOTHEOLOGY AND CONSUMER SOCIETY: A DIALOGUE OF THEOLOGY WITH  
THE HYPERMODERN SOCIETY*

*André Gustavo Di Fiore<sup>2</sup>*

---

<sup>1</sup> A presente pesquisa, em sua fase inicial de investigação e resultados preliminares, foi comunicada no V Simpósio Internacional do Programa de Estudos Pós-Graduados em Teologia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, realizado entre os dias 20 a 22 de agosto de 2019 e que teve como tema “Amazônia: oportunidade e desafios para a teologia latino-americana.

<sup>2</sup> Doutorando em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC/SP (Bolsista CAPES), Mestre em Teologia pela mesma universidade e Bacharel em Teologia pelo Centro Universitário Claretiano. Membro do Grupo de Pesquisa Religião e Política no Brasil Contemporâneo – CNPQ vinculado à Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção – PUC SP. E-mail: andre.contabilidade@terra.com.br

**Resumo:** O presente artigo teve como objetivo geral a proposta de diálogo entre a ecoteologia e a categoria sociológica da hipermodernidade refletindo sobre as contribuições que a teologia pode oferecer à agenda ambiental numa sociedade de consumo marcada pelo individualismo e hedonismo que constantemente agride o meio ambiente. Para tanto estruturou-se em três objetivos específicos: primeiramente refletiu sobre a ecologia na sociedade de consumo atual; em seguida sobre a ecoteologia e a sociedade de consumo; e por fim debruçou sobre uma proposta de ação pastoral a partir do diálogo entre a ecoteologia e as categorias sociológicas. Como principais resultados identificou que a ecologia é hoje um desafio pastoral, há urgente necessidade de conscientização das comunidades eclesiais sobre a questão ecológica. Também identificou que a reflexão teológica pode contribuir significativamente para a questão ecológica, porém não pode prescindir do diálogo com categorias sociológicas, fundamentais para compreensão das práticas e problemas sociais. Por fim, apontou pistas para uma ação pastoral efetiva de cunho ecológico e alicerçada nos valores evangélicos voltadas à superação do individualismo e promoção da casa comum.

**Palavras-chave:** Ecoteologia. Sociedade de consumo. Desafios pastorais.

**Abstract:** The aim of this paper is to propose a dialogue between ecotheology and the sociological category of hypermodernity, reflecting on the contributions that theology can make to the environmental agenda in a consumer society marked by individualism and hedonism that constantly harms the environment. To this end it was structured in three specific objectives: first it reflected on the ecology in the current consumer society; then on ecotheology and the consumer society; Finally, he considered a proposal for pastoral action based on the dialogue between ecotheology and sociological categories. As the main results identified that ecology is today a pastoral challenge, there is an urgent need to raise awareness of ecclesial communities on the ecological issue. It also identified that theological reflection can contribute significantly to the ecological question, but it cannot do without the dialogue with sociological categories, fundamental for understanding social practices and problems. Finally, he pointed to clues for effective pastoral action of an ecological nature and based on evangelical values aimed at overcoming individualism and promoting the common house.

**Keywords:** Ecotheology. Consumer society. Pastoral challenges.

## Introdução

Em sua encíclica *Laudato Si* (2015), o Papa Francisco denuncia que a desigualdade social e o excesso de consumo por parte dos países mais ricos, que poluem o meio ambiente em nome da produção e riqueza, são a causa do aquecimento global que atinge diretamente a todos com impactos profundamente negativos (Cf. LS 51). Por sua vez, o filósofo francês Gilles Lipovetsky (2007, p. 102-104) propõe que a sociedade hodierna vive em tempos hipermodernos caracterizado pelo excesso, num processo de “hiperconsumo [...] que absorve e integra parcelas cada vez maiores da vida social, [...] [e] se dispõe em função de fins e de critérios individuais e segundo uma lógica emotiva

e hedonista que faz que cada um consuma antes de tudo para sentir prazer” (CHARLES, 2004, p.25)

Isso demonstra que a preocupação e o cuidado com o planeta, a casa comum (LS 1) e o processo natural de “relação com outras pessoas e com Deus” (LS 119), elementos constitutivos da natureza humana, hoje dão lugar a um consumismo excessivo em que o individualismo e a ânsia pelo “ter” ultrapassam os limites da dignidade humana e excedem os limites do meio ambiente comprometendo a própria existência humana.

Nesse contexto surge a questão: tendo em vista que o tema da criação é um dos objetos de reflexão teológica como a teologia pode dialogar com esta sociedade hipermoderna e quais são as contribuições e possibilidades que esta pode oferecer para a problemática ecológica que hoje atinge diretamente a todos? E para desenvolvê-la o presente artigo, que se baseia em pesquisas bibliográfica e se orienta pelo método “ver, julgar e agir”, traz como objetivo geral a proposta de diálogo entre a ecoteologia e as categorias sociológicas da hipermodernidade procurando identificar como a reflexão teológica pode contribuir com a questão ambiental numa sociedade de consumo marcada pelo individualismo e hedonismo que constantemente agride o meio ambiente. Para tanto estrutura-se em três objetivos específicos. Primeiramente reflete sobre a ecologia na sociedade de consumo atual; em seguida sobre a ecoteologia e a sociedade de consumo; e por fim debruça sobre uma proposta de ação pastoral a partir do diálogo entre a ecoteologia e as categorias sociológicas.

## **1. A questão ecológica na sociedade de consumo atual: Um panorama social**

E o homem parece muitas vezes não dar-se conta de outros significados do seu ambiente natural, para além daqueles somente que servem para os fins de um uso ou consumo imediatos. Quando, ao contrário, era vontade do Criador que o homem comunicasse com a natureza como « senhor » e « guarda » inteligente e nobre, e não como um « desfrutador » e « destrutor » sem respeito algum.” (Rh 15)

Com estas palavras João Paulo II em sua primeira encíclica, a *Redemptor Hominis* (1979), alerta para uma realidade social de consumo excessivo em detrimento

do meio ambiente, o que demonstra grande alinhamento da Igreja com as preocupações sociais e ambientais da época que anos antes levaram à realização Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente (1972), na cidade de Estocolmo, Suécia, que denunciou um

modelo de desenvolvimento adotado pela sociedade contemporânea, mais especificamente após a Revolução Industrial, bem como da concepção de progresso que hoje prevalece, segundo a qual o homem deve dominar a natureza, o que acarreta uma exploração incontrolada dos recursos naturais, aliada ao crescimento acelerado dos centros urbanos e às formas de gestão econômica das sociedades. (PASSOS, 2009, p. 3)

O Papa Francisco, em sua encíclica *Laudato Si*, denuncia que a desigualdade social e o excesso de consumo por parte dos países mais ricos, que poluem o meio ambiente em nome da produção e riqueza, são a causa do aquecimento global que atinge diretamente a todos com impactos profundamente negativos (Cf. LS 51). Nesse sentido, o Papa Francisco coloca a realidade consumista num horizonte mais amplo, mais do que uma cultura que agride o meio ambiente é também fonte latente da desigualdade social e que “o grande risco do mundo atual, com sua múltipla e avassaladora oferta de consumo, é uma tristeza individualista que brota do coração comodista e mesquinho, da busca desordenada de prazeres superficiais, da consciência isolada” (EG 2), num individualismo e egoísmo que “deixa de lado a preocupação pelo bem comum para dar lugar à realização imediata dos desejos dos indivíduos, à criação de novos e, muitas vezes, arbitrários direitos individuais, aos problemas da sexualidade, da família, das enfermidades e da morte” (DAp 44).

Nesse cenário, é possível concluir que a questão ambiental não pode se resumir à uma realidade macro, apenas de grandes cúpulas e governos, mas deve ser refletida a partir da análise da transformação social que ocorre a partir das individualidades que vivem uma “mudança de época cujo nível mais profundo é o cultural” (DAp 44). Assim, a reflexão ambiental deve também levar em conta o comportamento social, numa análise sociológica e antropológica do comportamento da sociedade hodierna a partir de suas individualidades.

Com efeito, uma proposta que dialoga muito bem com as preocupações da Igreja e se alinha com as questões ambientais frente ao consumo desenfreado da sociedade atual é a ideia de hipermodernidade proposta pelo filósofo francês Gilles Lipovetsky, que identifica os tempos atuais a partir de suas características mais marcantes, como o

individualismo, cultura hedonista, dificuldades com construções de sentido, cultura do consumo e a cultura do efêmero, que exige intensa satisfação e prazer individuais em todas as relações (Cf. LIPOVETSKY, 2007, p. 102-104), numa cultura do “*hiper*” em que “o individualismo hedonista e personalizado se tornou legítimo e já não depara com oposição” (LIPOVETSKY, 2005, p. 9).

Assim, tomando como referencial a teoria da hipermodernidade proposta por Lipovetsky é possível compreender melhor o que o trecho do Documento de Aparecida ora citado aponta como mudança de época em nível cultural que faz com que os indivíduos deixem de lado o bem comum em função da realização dos desejos individuais. Em sua obra *A felicidade paradoxal, ensaio sobre a sociedade de hiperconsumo*, o autor relaciona a evolução do capitalismo e o desejo pelo consumo em três grandes fases que aos poucos foram transformando a cultura do consumo e favorecendo “a hegemonia do gozo subjetivo, do consumo em si [...] [em que] os indivíduos agora consomem para buscar agradar a si, preencher vazios existenciais, se ver nas mercadorias que compram” (BARROS, 2018, p. 49).

Na primeira fase Lipovetsky delimita o período de 1880 a 1945 em que o consumo é estimulado pelo surgimento de grandes magazines, alta capacidade industrial, facilitação dos fluxos logísticos e a democratização do consumo. Já o segundo período consolida-se pelo aumento do poder de compra por parte dos consumidores e pela consolidação da democratização do consumo iniciada na fase anterior, por fim, a terceira etapa se inicia em 1970 e perdura até os dias atuais, e tem como principais características um consumo hedonista, exagerado, sem limites e de cunho individualista, enfim a época de hiperconsumo e do “gozo pelo gozo”. (Cf. Barros, 2018, p. 48 ss).

Percebe-se então a progressiva mudança cultural “orquestrada por uma lógica desinstitucionalizada, subjetiva, emocional” (LIPOVETSKY, 2007, p. 41) que permite gradualmente o acesso ao consumo por parte das massas que passam a ter “acesso a uma demanda material mais psicologizada e mais individualizada, a um modo de vida (bens duráveis, lazeres, férias, moda) antigamente associados às elites sociais” (LIPOVETSKY, 2007, p. 33), constatações que convergem com o pensamento do Papa Francisco que denuncia que a consequência dessa realidade de hiperconsumo hedonista implica numa “tristeza individualista que brota do coração comodista e mesquinho, da busca desordenada de prazeres superficiais, da consciência isolada” (EG 2). Esse “turboconsumidor”, como classifica Lipovetsky denota a evidente “escala individualista

das práticas de consumo que acompanha a multiplicação dos objetos à disposição dos sujeitos” (Lipovetsky, 2007, p. 99) e está diretamente ligada à questão ambiental pois,

o padrão de consumo das sociedades ocidentais modernas, além de ser socialmente injusto e moralmente indefensável, é ambientalmente insustentável. A crise ambiental mostrou que não é possível a incorporação de todos no universo de consumo em função da finitude dos recursos naturais. O ambiente natural está sofrendo uma exploração excessiva que ameaça a estabilidade dos seus sistemas de sustentação. (MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE, 2005, p. 16).

Nesse sentido, comparando o panorama social traçado pelos textos do magistério da Igreja aqui citados como também com a análise sociológica de Gilles Lipovetsky é possível concluir que a problemática ambiental, que preocupa todos os setores da sociedade atual, passa também pela cultura contemporânea do excesso, classificada aqui como cultura hipermoderna, onde o consumo excessivo aliado ao individualismo e ao prazer pessoal despreocupado com consequências futuras levam a uma exploração de recursos que vai além das capacidades naturais.

## **2. A ecoteologia e a sociedade de consumo: Um olhar crítico a partir da fé**

A ecologia humana implica também algo de muito profundo que é indispensável para se poder criar um ambiente mais dignificante: a relação necessária da vida do ser humano com a lei moral inscrita na sua própria natureza. Bento XVI dizia que existe uma «ecologia do homem», porque «também o homem possui uma natureza, que deve respeitar e não pode manipular como lhe apetece». (LS 155)

As reflexões do tópico anterior permitiram a visão de um panorama social a partir da cultura consumista e do individualismo denunciados como dramas sociais que levam à crise ambiental que tende ao esgotamento dos recursos naturais do planeta. Contudo, como destaca o trecho da encíclica de Francisco, *Laudato Si* ora citado é da natureza humana a relação ecológica e o cuidado com o planeta. A relação do indivíduo com seu próximo e também com seu meio é um dado antropológico que aparentemente está sendo contrariado pelo próprio ser humano e sua cultura de consumo. Assim, o presente tópico procurará refletir de forma crítica, num processo de “julgar” a realidade a partir do dado da fé, sobre o paradoxo da realidade de sociedade de consumo em contraponto com natureza ecológica do homem, “a ecologia humana” como destacado pelo Papa Francisco.

Leonardo Boff em sua obra *Ecologia: Grito da terra, Grito dos Pobres*, tomando por base a narrativa bíblica da criação, faz uma análise da relação da humanidade com a criação e demonstra que, pela perspectiva da fé, “pelo fato de ter sido criado por Deus, o mundo tem sentido e prevalece o seu valor contra todos os mecanismos de dissolução e de morte que a experiência atesta dia a dia”, portanto a verdadeira intenção da narrativa, como elucida Boff, é demonstrar que “cada coisa, desde as estrelas, as plantas, os animais, até os seres humanos vem carregada de excelência e de sentido, porque guarda em si a marca registrada de Deus” e mesmo a narrativa da queda da humanidade não tem o intuito de ser uma construção histórica, mas a de “denunciar a situação presente como contraditória ao desígnio do Criador. O homem e a mulher (Adão e Eva) sempre foram pecadores, hoje e ontem. Mas o sentido do relato é estimular o ser humano a superar tal situação e junto com Deus construir o paraíso”. (BOFF, 2004, p. 58)

Nesse sentido, sob o olhar da fé e da cultura religiosa, superar a condição humana, as situações que separam o homem de Deus e assumir a responsabilidade pelo cuidado da criação são ensinamentos essenciais que visam estimular uma ecologia humana de responsabilidade e cuidado, uma práxis religiosa de cunho comunitário e ecológico que se constrói integrada à teologia da criação em que “a terra é de Deus, portanto. Eis a motivação primordial da responsabilidade do ser humano para com a natureza. Essa é a incumbência específica do ser humano, tornando-se, ao fim e ao cabo, o sentido de sua singularidade no conjunto das criaturas” (TAVARES, 2016, p. 67). No entanto, como questiona Boff

como foi possível chegarmos à situação atual de estado de guerra declarado entre o ser humano e a natureza? Deve ter havido algum equívoco profundo, algum erro grave nas culturas, nas religiões, nas tradições espirituais e nos processos pedagógicos de socialização da humanidade que não conseguiram evitar o estado dramático atual (BOFF, 2004, p. 92)

Sob esta ótica teológica, percebe-se que a crise ecológica, que fere mortalmente o meio ambiente e também a toda a humanidade, contraria os próprios desígnios de Deus para a criação e também própria essência e natureza humanas. Fazendo uma anamnese prolongada Boff destaca algumas causas para tal crise e entre outros elementos aponta para o atual “modelo de sociedade que dá a si o tipo de desenvolvimento que deseja” num mecanismo de exploração de recursos onde somente “importa crescer, expandir os mercados e enchê-los de bens e serviços” aliado à um

antropocentrismo exagerado em que “o ser humano nas sociedades atuais se colocou como centro de tudo. Tudo deve partir dele e retornar para ele”, um “ser humano que se arroga uma posição de soberania como quem dispõe a seu bel-prazer das coisas que estão a seu alcance” levando a uma “crise ecológica” que “implica em dois desequilíbrios básicos no nível social: o excesso de consumo dos ricos e a carência de consumo dos pobres”. (BOFF, 2004, 97-105)

Dessa forma, a crise ambiental vai muito além de uma questão econômica e social, está presente no ser humano, em sua dimensão mais íntima. Isso quer dizer que o indivíduo hoje vive uma questão paradoxal em que, sob uma ótica teológica, é de sua natureza a relação com Deus e o cuidado com o meio ambiente. Essa antropologia teológica leva a uma ecoteologia onde a ecologia humana se entrelaça com a teologia da criação numa relação prática de responsabilidade do indivíduo perante a criação (Cf. Gn 2,15). Por outro lado, o que se percebe na realidade é exatamente o contrário, a hipermodernidade em que a sociedade hoje se insere traz características de egoísmo, individualismo e hedonismo numa cultura de excesso que pouco ou nada tem a ver com a natureza humana comunitária voltada ao cuidado do outro e do cuidado com a criação, como evidenciado a partir dos referenciais do tópico anterior.

Portanto, à luz da fé, essa é uma patologia social latente nos dias atuais, o indivíduo hoje rompe com sua própria natureza, humana e transcendente, em nome de um desenvolvimento hedonista que não mede esforços para alcançar seus objetivos, num “hiperindividualismo [onde] se o moderno era o homem e sua razão, o pós-moderno é o homem e seu desejo” (BOFF, 2014, p. 476). É exatamente aí que a teologia pode contribuir, dialogando com outros saberes, em prol de uma agenda ecológica. Através de uma compreensão sociológico e à luz de uma antropologia teológica é possível repensar o sentido humano e lutar contra a degradação a partir de indivíduo e sua consciência, permitindo que cada um se sinta responsável pelos seus atos e pelo meio em que vive, superando “uma ética puramente individualística” (GS 30) em prol do bem comum e da casa comum.

### **3. Ação ecológica integral e pastoral: Do diálogo à ação educativa**

Desejo propor aos cristãos algumas linhas de espiritualidade ecológica que nascem das convicções da nossa fé, pois aquilo que o Evangelho nos ensina tem consequências no nosso modo de pensar, sentir e viver. Não se trata tanto de propor ideias, como sobretudo falar das

motivações que derivam da espiritualidade para alimentar uma paixão pelo cuidado do mundo. Com efeito, não é possível empenhar-se em coisas grandes apenas com doutrinas, sem uma mística que nos anima, sem «uma moção interior que impele, motiva, encoraja e dá sentido à ação pessoal e comunitária». (LS 216)

Diante da patologia social apontada no tópico anterior e a potencial contribuição que a teologia pode oferecer à agenda ambiental através de uma proposta de sentido à luz da fé a partir da antropologia teológica, este tópico tem o objetivo de propor algumas pistas de ação que podem auxiliar a práxis pastoral comunitária num caminho de conscientização e retomada de sentido auxiliando as comunidades a desenvolver em seus membros, de forma crítica, a consciência e sentido de responsabilidade exigida de todo cristão frente às questões ecológicas.

O trecho da *Laudato Si* aqui citado demonstra a preocupação do Papa Francisco em alinhar os discursos ambientais teóricos às ações e práticas pastorais concretas que desenvolvam ações pautadas numa mística condizente com a fé cristã. Nessa lógica, o Papa Francisco chama à atenção à necessidade de uma “Ecologia Integral” capaz de integrar sociedade, economia, cultura, vida cotidiana ao princípio do bem comum e da justiça intergeracional (Cf. LS 137 ss). Por outro lado, o Papa também adverte o fato de que

muitas pessoas experimentam um desequilíbrio profundo, que as impele a fazer as coisas a toda a velocidade para se sentirem ocupadas, numa pressa constante que, por sua vez, as leva a atropelar tudo o que têm ao seu redor. Isto tem incidência no modo como se trata o ambiente. Uma ecologia integral exige que se dedique algum tempo para recuperar a harmonia serena com a criação, refletir sobre o nosso estilo de vida e os nossos ideais, contemplar o Criador, que vive entre nós e naquilo que nos rodeia e cuja presença não precisa de ser criada, mas descoberta, desvendada. (LS 255)

Esse alerta e chamado a redescobrir a presença criadora no meio da sociedade em prol de uma ecologia integral demonstra novamente o conflito paradoxal destacado no tópico anterior em que o homem nega sua natureza em prol de uma vida desequilibrada que leva ao hiperconsumo. Assim, interpretando o Papa Francisco, reencontrar o equilíbrio implica em refletir sobre o estilo de vida em que a sociedade vive hoje, superar uma ética puramente individualística em prol do bem comum (Cf. GS 30) e da casa comum, num processo de formação integral (Cf. DAp 279 ss) que permita o indivíduo repensar seu papel perante a sociedade e o meio ambiente. Um processo de

conversão integral que permita a integração de todos na superação de práticas individualistas hipermodernas e que promova novos “estilos de vida” contrários ao “mecanismo consumista compulsivo para vender os seus produtos” (LS 203) proposto pelo capitalismo atual.

Diante desse contexto, o presente artigo vem propor mecanismos de ação pastoral voltados à integração do conceito de ecologia integral e formação integral através de ações práticas promovidas por pastorais ecológicas capazes de animar e estimular as comunidades à construção de um pensamento ecológico capaz de promover estilos de vida mais comprometidos com o bem comum e o meio ambiente, e mais críticos quanto aos comportamentos decorrentes da sociedade de consumo hipermoderna.

Para Tavares (2016, p.73) “a ecologia integral, como diz o próprio nome, se distingue pela compreensão da ecologia como uma singular complexidade composta por quatro dimensões: ambiental, econômico/social, cultural e da vida quotidiana” tendo em vista que “não há duas crises separadas: uma ambiental e outra social; mas uma única e complexa crise socioambiental. As diretrizes para a solução requerem uma abordagem integral para combater a pobreza, devolver a dignidade aos excluídos e, simultaneamente, cuidar da natureza” (LS, 139), num dinamismo de “conversão ecológica” (Cf. LS 216 ss) capaz de “atingir as várias dimensões que compõem nossa relacionalidade constitutiva de seres humanos” (TAVARES, 2016, p. 76). Numa dimensão prática “a ecologia integral é uma nova visão de mundo e do humano”, “tarefa hercúlea [que] só se fará se houver uma conversão integral de cada pessoa humana e das estruturas sociais” (ALTEMEYER JR, 2016, p. 67), enfim uma tomada de consciência a partir da reflexão crítica que cada um deve fazer de si mesmo e da sociedade em que se insere.

Para Fiore (2018, p. 82) “a tomada de consciência e uma formação integral e efetiva são elementos fundamentais para que o indivíduo deixe de lado uma ética puramente egoísta e voltada somente às necessidades pessoais e assuma uma postura comunitária, desempenhando seu protagonismo como cristão na promoção do bem comum”. Nesse sentido, pensar em uma ecologia integral como propõe o Papa Francisco implica pensar num processo de formação integral que “abrange diversas dimensões que deverão ser integradas harmonicamente ao longo de todo o processo de formação. Trata-se da dimensão humana comunitária, espiritual, intelectual, comunitária e pastoral-missionária” (DAp 280).

Nesse sentido, a partir da leitura do trecho do Documento de Aparecida ora citado, é possível perceber que a conversão integral e voltada para uma ecologia integral passa pela dimensão comunitária, capaz de conscientizar o indivíduo das realidades sociais hipermodernas e da necessidade de uma mudança de estilo de vida que deixe de lado o individualismo e o hedonismo consumista em prol da casa comum.

É nesse ponto que urge o desenvolvimento de pastorais ecológicas comunitárias, ou pastorais da ecologia. Esta já é uma realidade em algumas comunidades, como por exemplo a Pastoral da Ecologia da Região Episcopal de Santana<sup>3</sup>, pertencente à arquidiocese de São Paulo, mas ainda inexistente na maioria das comunidades e paróquias.

Para Fiore o conceito atual de paróquia e seu dinamismo implica em duas consequências

A primeira delas consiste na conscientização de cada fiel a respeito de seu protagonismo como Igreja e na promoção do bem comum, ou seja, a superação de uma postura individualística em prol de uma ética social, onde a individualidade seja colocada a serviço do coletivo. Num segundo momento advém a consequência da formação integral do ser humano por parte da Igreja, a fim de que o indivíduo seja preparado, não somente na questão doutrinária e catequética, mas com fundamentos que permitam o cidadão atuar na sociedade em que vive, promovendo o bem comum e a mensagem cristã em todos os setores da sociedade em que está inserido. (FIORE, 2018, p. 81)

Assim, o conceito de ecologia integral aliado ao conceito de formação integral, aplicados num dinamismo de práxis pastoral comunitária, estruturado em pastorais ecológicas capazes de formar cidadãos conscientes é um caminho viável para a conscientização e superação de características negativas da hipermodernidade como o hedonismo individualista e imediatista que favorecem uma sociedade de consumo excessivo que consome recursos naturais acima das capacidades planetárias.

## **Conclusão**

---

<sup>3</sup> Maiores informações sobre esta pastoral podem ser encontradas no sitio da internet <http://www.arquidiocese desaopaulo.org.br/organizaopastoral/cnlb-santana/pastoral-da-ecologia>. Acesso em 30 de ago. 2019.

O presente artigo refletiu sobre a ecoteologia e a sociedade atual de extremo consumo que se expande de forma hedonista e individualista fazendo com que este hiperconsumo seja um forte elemento de degradação ambiental, tendo em vista que o planeta não consegue repor os recursos naturais na mesma proporção em que a ânsia pelo ter cresce na população. Através de uma proposta de diálogo entre sociedade e teologia as pesquisas procuraram identificar pontos de intersecção e formas em que o discurso teológico e o elemento da fé possam contribuir com a agenda ambiental.

Para tanto, num primeiro momento refletiu sobre a questão ecológica na sociedade de consumo atual, traçando um panorama social a fim de identificar as características da sociedade atual que permitem afirmar que esta vive em um ambiente de consumo desenfreado que agride o meio ambiente, e o fez a partir do referencial da hipermodernidade proposto por Gilles Lipovetsky, que apresenta um perfil social que dialoga muito bem pensamento de Francisco em sua carta encíclica *Laudato Si* e demais documentos aqui citados no que diz respeito à questão sócio ambiental.

Num segundo momento, refletiu sobre a ecoteologia e a sociedade de consumo sob um olhar crítico a partir da fé, identificando a partir de uma breve teologia da criação e antropologia teológica o paradoxo entre sociedade de consumo e a natureza cuidadora do ser humano.

Por fim, refletiu sobre ação ecológica integral e pastoral a partir de pistas e propostas para uma ação educativa capaz de transformar estilos de vida como pede Francisco, propondo uma interação entre a ideia de ecologia integral e formação integral a fim de criar consciências necessárias que sejam capazes de enfrentar os problemas ambientais que hoje ameaçam a sobrevivência humana. Como proposta mais prática apontou a necessidade da implantação de pastorais ecológicas nas comunidades, que devem agir na conscientização e formação integral à luz da fé e orientada pelas realidades sociais.

Concluindo, o presente artigo identificou que a ecologia é hoje um desafio pastoral, há a urgente necessidade de conscientização das comunidades eclesiais sobre a questão ecológica tendo em vista que o problema não é apenas macro, não deve ser preocupação apenas de grandes organismos e governos, mas é um problema individual tendo em vista uma sociedade de hiperconsumo marcada pelo egoísmo e individualismo. Também identificou que a reflexão teológica pode contribuir significativamente para a questão ecológica, porém não pode prescindir do diálogo com

categorias sociológicas, fundamentais para compreensão das práticas e problemas sociais.

## Referências

- ALTEMEYER JR, F. Uma teologia ecológica integral: procuro logo sou. In: PASSOS, João Décio (Org.). *Diálogos no interior da casa comum: recepções interdisciplinares sobre a encíclica Laudato Si*. São Paulo: Paulus, 2016.
- ARQUIDIOCESE DE SÃO PAULO. *Pastoral da Ecologia*. Disponível em: < <http://www.arquidiocese desaopaulo.org.br/organizacaoapastoral/cnlb-santana/pastoral-da-ecologia> >. Acesso em 30 de ago. de 2019.
- BARROS, R. J; GUTEMBERG, A. Sociedade de consumo em Zygmunt Bauman e Gilles Lipovetsky. In: *Cadernos de Zygmunt Bauman*. São Luis, v. 8, n. 17, p. 43-57, jan./jun. 2018.
- BOFF, C. *O livro do sentido. Volume I: Crise e busca de sentido hoje (parte crítico analítica)*. São Paulo: Paulus, 2014.
- BOFF, L. *Ecologia: Grito da Terra, Grito dos Pobres*. Rio de Janeiro: Sextante, 2004.
- CELAM. *Documento de Aparecida: Texto Conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe*. São Paulo: Paulus, 2009.
- DOCUMENTOS DA IGREJA. *Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II*. São Paulo: Paulus, 2007.
- FIORE, A. G. *Leigos e leigas a serviço do reino: responsabilidade e protagonismo a partir do Documento de Aparecida*. Curitiba: CRV, 2018.
- FRANCISCO. *Evangelii Gaudium: Exortação Apostólica sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual*. São Paulo: Paulinas, 2013.
- \_\_\_\_\_. *Carta encíclica Laudato Si: sobre o cuidado da casa comum*. São Paulo: Paulinas, 2015.
- JOÃO PAULO II. *Carta encíclica Redemptor Hominis*. São Paulo: Paulinas, 1979.
- LIPOVETSKY, G. *A felicidade paradoxal: ensaio sobre a sociedade de hiperconsumo*. Trad: Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- \_\_\_\_\_. *A era do vazio: ensaios sobre o individualismo contemporâneo*. Trad: Therezinha Monteiro Deutsch. Barueri: Manole, 2005.
- LIPOVETSKY, G.; CHARLES, S. *Os tempos hipermodernos*. Trad: Mário Vilela. São Paulo: Barcarolla, 2004.
- MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE. *Consumo sustentável: manual de educação*. Brasília: Consumers International/MMA/MEC/IDEC, 2005.
- PASSOS, P. N. C. A conferência de Estocolmo como ponto de partida para a proteção internacional do meio ambiente. In: *Revista Direitos Fundamentais & Democracia*, Curitiba, v. 6, n. 6, p. 1-25, jul./dez. 2009.
- TAVARES, S. S. Evangelho da criação e ecologia integral: uma primeira recepção da Laudato Si. In.: *Perspectiva Teológica*, Belo Horizonte, v. 48, n. 1, p. 59-80, jan./abr. 2016.

Recebido em: 03/09/2019  
Aprovado em: 13/11/2019